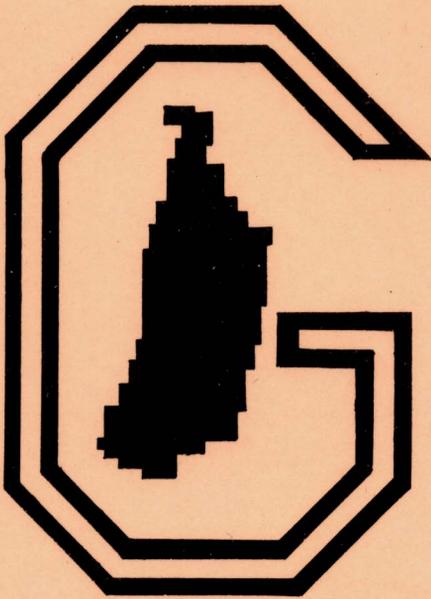


ISSN 0101-708X



UFG – IQG

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

# BOLETIM GOIANO DE GEOGRAFIA

PUBLICAÇÃO ANUAL – VOL. 7/8 N. 1/2 – JANEIRO/DEZEMBRO 1987/1988

O OLHO QUE VÊ O MUNDO

Sérgio Paulo Moreyra \*

"A menos que o historiador seja um mero redator de anais e se contente com uma narração cronológica dos acontecimentos, precisará sempre realizar esta tarefa difícilíssima, a de detectar a unidade por trás das expressões inumeráveis e, não raro, contraditórias de um personagem histórico."

(Ernst Cassirer, Antropologia Filosófica).

Na discussão que Cassirer propõe, sobre a História, na sua Antropologia Filosófica, a busca incessante e constantemente renovada da verdade histórica, aparece como o compromisso ético fundamental do verdadeiro historiador.

Essa busca, que para o método dialético se reveste de uma intenção heurística, obriga a crítica rigorosa de todos os documentos e testemunhos, a partir de uma visão da totalidade, do conjunto da sociedade que se procura explicar. E isso é uma procura não só do verdadeiro sentido do que está explícito no documento, mas também do que não está explícito, sobretudo do que está oculto.

Para os que investigam a história de Goiás, esse é um problema de solução difícil, em virtude do tipo de documentação histórica disponível e conhecida presentemente. Só existem em Goiás, em larga escala (com relação aos séculos XVIII e XIX), dois tipos de testemunhos documentais: os documentos oficiais e as memórias históricas ou científicas.

---

\* Professor do Depto. de História do ICHL.

## O EXEMPLO DE SAINT-HILAIRE

Um excelente exemplo das armadilhas ideológicas que se escondem no bojo dessas memórias científicas, é o livro de Augusto de Saint-Hilaire, "Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás". Esse livro tem sido amplamente utilizado na historiografia brasileira e quase sempre sem que se questione, com os instrumentos da crítica histórica, o rigor de suas observações sociais.

Saint-Hilaire, o mais célebre dos naturalistas viajantes que visitaram Goiás no século passado, bordejou o Planalto Central, em direção a Santa Luzia, em maio de 1819. A descrição que fez dessa viagem, é mantida quase sempre entre o espanto e a agressão a uma região cuja rusticidade surpreendeu o pesquisador: péssimos caminhos, fazendas abandonadas, engenhos em ruínas, arraiais despovoados. Enfim, a decadência retratada em tudo o que observava no decurso de suas vagarosas jornadas de coleta botânica.

Entre o que seus olhos viram e o que compreendeu, medeia uma distância, coberta por sua visão européia. As impressões do naturalista são as impressões do naturalista. É necessário ver hoje as coisas que ele viu, da forma pela qual ele não pôde enxergá-las, vê-las como ele não pôde vê-las.

Antes de tudo, os olhos de um europeu. Homem urbano, de um continente conflagrado pela conjuntura de amadurecimento do capitalismo, não compreendia o processo de agrarização de uma área colonial que as minas haviam povoado.

Católico rigoroso, não podia tolerar sem profunda repulsa e indignação moral, a religiosidade indisciplinada e já então sincrética, de um povo nominalmente católico. Invetivou a presença de batuques nos adros dos templos, sob o olhar tolerante dos párocos e qualificou de prostituição o concubinato, que era a forma corrente e aceita de matrimônio.

A utilização acrítica de seu texto levou, ainda recentemente, Richard Morse a repetir suas observações, afirmando que as cidades brasileiras das zonas de mineração estavam povoadas por prostitutas.

Homem de seu século, Saint-Hilaire não podia aceitar sem repugnância o autoritarismo extremado dos chefes políticos e a postura estamental de uma sociedade que, no fundo, não po-

dia compreender. Mas se a sua forma de enxergar o mundo mediou a compreensão, houve outros fatores condicionantes da distorção de sua explicação do que viu.

#### O QUE O VIAJANTE NÃO VIU

Tendo chegado a Goiás no final de maio, em um ano de seca rigorosa, encontrou os campos amarelecidos pela estiagem. Em anos como esse, o gado era naturalmente tangido para as terras das invernadas, onde o pasto e as aguadas não faltavam, mesmo em agosto. Como viajava em busca da vegetação do cerrado, sua rota se desviava normalmente dos lugares onde encontraria os rebanhos. Daí, concluiu que não existiam.

Nessa época do ano, tradicionalmente, os tropeiros e mascates que o inverno surpreendera no sertão, já haviam partido e os que vinham dos portos de mar, ainda não haviam chegado. Haveria, certamente, de encontrar apenas os temporões, apressados ou retardatários.

Nos engenhos, o mais fácil é que não encontrasse gente, que estavam sendo sendo abandonados desde algum tempo, desde o fim dos dez anos de isenção, pela inviabilidade econômica da produção de açúcar em tão distante interior.

Os arraiais, que no século anterior se constituíam no centro da vida regional, eram então dependências da vida agrária. Já reduzidos em sua população, nessa época do ano estariam ainda mais vazios, que junho era a época da ferra e a maioria dos homens estaria nos campos, procurando juntar o gado criado solto.

Por último, ele avançou Capitania a dentro pelo caminho velho, pouco usado, atravessando uma das zonas de população mais rarefeita, que só seria atingida pelas correntes migratórias mineiras nas décadas seguintes. Todo o terreno entre Santa Luzia (onde a indústria do padre João Teixeira Álvares o impressionou) e Corumbá estava deserto. Só daí em diante começou a encontrar sinais que apresentavam alguma identidade com os padrões de civilização que compreendia.

Em Meia Ponte, reencontrou-se e expressou sua admiração pelo gênio de Joaquim Alves de Oliveira. Mas o comendador era, seguramente, uma exceção. Voltado inteiramente para a economia de mercado, era o paradigma do que se pretendia que cada fazendeir e negociante fosse.

É preciso acrescentar ainda que a própria comunicação de Saint-Hilaire com os habitantes da região era difícultosa. Todo o livro está marcado pela irritação na convivência. Seria possível a ele entender o temperamento do sertanejo, suas meias respostas, seus silêncios, suas ironias herméticas? Por outro lado, ninguém confessava o que tinha, ninguém respondia com franqueza perguntas que parecessem dúbias, ninguém se expunhava. Recebiam bem, eram generosos, mas não se abriam. Ocultar era a regra, diante da rapinagem do fisco colonial e sobretudo dos dizimeiros, que não perdoavam nem as galinhas e os porcos do terreiro, que contavam até as frutas do pomar.

#### A DIFICULDADE DA CRÍTICA

Nem sempre é possível submeter cada testemunho a esse tratamento, embora isso seja o mínimo desejável para a construção de uma explicação histórica que não se afaste da forma como as coisas realmente se passaram. Frequentemente faltam dados e informações que possam ser contrapostos aos documentos com um mínimo de segurança.

Quanto à documentação oficial, é apenas nos seus desvãos que o historiador vai encontrar, como um garimpeiro, fragmentos de informações que lhe permitam formar um mosaico, a partir do qual possa construir uma síntese de história da sociedade, ainda assim fragmentária.